

4

Rua Araí, 706: A Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque

“Aqui estamos.”

Ingersol e Tracy (1999)

Em um trecho de menos de um quilômetro entre a Estrada do Camboatá e a rua Beberibe, vias movimentadas de mão dupla, trajeto de várias linhas de ônibus, estão concentradas 8 Igrejas. São elas, pela ordem: Comunidade Apostólica Renascendo em Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Cristã Nova Vida, Igreja Evangélica Graça e Vida, Igreja Católica São Pedro de Alcântara, Assembléia de Deus, Igreja do Nazareno e IURD. Um pouco mais adiante, à cerca de 500 metros, na Rua Lobo, mais uma, a 1ª Igreja Batista em Ricardo de Albuquerque.

A vizinhança, apesar do movimento intenso da rua, é predominantemente residencial, com alguns pontos comerciais esparsos. Até onde os olhos alcançam vê-se apenas construções baixas, de um ou dois pavimentos. Fachadas retas e quadradas. Muitas construções geminadas. O telhado borboleta é comum. Muitas ostentam marcas de expansão recente, sobretudo vertical, ou mesmo obras em pleno andamento. Por isso mesmo, a Igreja do Nazareno não se destaca muito aos olhos à primeira vista. Uma construção de dois andares, em obras, somente uma faixa na fachada recém-construída identifica a Igreja.

Sob uma tenda, ao abrigo do sol, mas sob forte calor¹, concentram-se os fiéis ocupados com a atividade de evangelização e distribuição de folhetos. Não fosse o acúmulo de veículos estacionados em frente, nos horários de culto e escola dominical, pouco se notaria a Igreja ali.

¹ Como o campo realizado concentrou-se nos meses do verão, senti ao entrar no pátio da Igreja um grande alívio. A sensação sufocante de calor se dissipa quase totalmente assim que se cruza o portão de entrada.

4.1.

A Congregação: o universo e a amostra

Nas várias oportunidades que estive na Igreja², nunca a encontrei vazia, mesmos nos dias úteis. Havia sempre alguma movimentação, seja relacionada à obra em andamento, seja pela realização de cultos, cursos, reuniões ou encontros da escola dominical. Nos dias de maior frequência, nos cultos ou na escola dominical³, contei uma média de cerca de 60 pessoas, descontadas as crianças, cerca de 15 ou 20. Durante os cultos as crianças não passam todo o tempo na nave. Descobri depois que há duas salas anexas reservadas para elas. Nos dias de culto, esse contingente aproximado é suficiente para ocupar todos os assentos na nave principal da Igreja. No entanto, informaram-me, mais de uma vez e sem que eu houvesse comentado sobre o tema, que eu não havia ainda presenciado um dia de Igreja cheia, quando a audiência se estenderia até fora do portão principal. Perguntado sobre a frequência regular da Igreja, um dos membros da secretaria, relatou-me haver um cadastro com duzentas pessoas, das quais, cerca de cento e oitenta freqüentavam a igreja regularmente.⁴

Diante das limitações que se impunham⁵ fiz duas opções que condicionaram fortemente os resultados.

Em primeiro lugar, utilizei as dependências da Igreja como local de entrevista e interação. Do final do culto matinal, que se inicia às 8 horas, até pouco depois do término da escola dominical, que termina depois das 11 horas. Sendo assim, tive acesso, quase exclusivamente, aos fiéis mais assíduos. Na

² Estive na igreja cerca de duas dezenas de vezes entre os meses de setembro de 2010 a março de 2011.

³ Todas as manhãs de domingo, salvos raras exceções como em feriados prolongados, os fiéis mais assíduos reúnem-se na Igreja para a escola dominical. Nessas oportunidades, os fiéis são divididos em cinco grupos de acordo com suas idades. Acompanha cada grupo um pastor que conduz a leitura e discussão de passagens e temas bíblicos de acordo com o ímpeto e a motivação dos respectivos grupos. No próximo capítulo dedico uma sessão para a escola dominical e sua centralidade na relação dos fiéis com a Igreja.

⁴ Tal declaração pareceu-me, em princípio, sem fundamento. Como se haveria de controlar objetivamente a frequência? Ledo engano. Em outra oportunidade, durante a escola dominical, reparei numa das secretárias fazendo chamada, com uma pauta nas mãos, nos diferentes grupos em que a escola se organiza. A questão do tamanho da congregação é bastante relevante para meus interlocutores.

⁵ As regulamentares, principalmente quanto ao prazo, mas também as minhas próprias.

amostra colhida, somente dois entrevistados declararam que não vão à Igreja todas as semanas.

Pelas razões mencionadas, quase não conversei com os fiéis mais ocasionais e, menos ainda, com os que deixaram a Igreja. Em virtude dessa escolha limitei o universo da pesquisa aos cerca de 80 fiéis que frequentam regularmente a escola dominical. Como se poderá atestar no que se segue, essa característica comum dos meus interlocutores se reflete nas suas respostas. Para o bem e para o mal, essa informação condiciona as análises que se podem deprender, ao mesmo tempo, permite entrever nuances e sugerir interpretações que, caso contrário, não seriam possíveis.

Em segundo lugar, conduzi as entrevistas utilizando um questionário⁶ como um roteiro, de uma forma semi-estruturada. Perdi, com isso, alguma cobertura do universo, realizando menos entrevistas, já que cada uma delas passou a tomar mais tempo. Mas tal procedimento permitiu-me incitar os entrevistados a relatarem suas trajetórias de vida, dentro e fora da Igreja, indo muito além do que era abordado no referido questionário.

A conjunção dessas duas restrições, o local e a forma das entrevistas, permitiu-me colher bastante material. Foram 42 questionários preenchidos. Contados os membros das famílias dos entrevistados, descontadas as duplas contagens, pelo menos aquelas que pude detectar, foram cobertas por tal procedimento um total de 70 pessoas. Porém, fiquei aquém de um Censo, isto é, de atingir o total dos fiéis, pelo menos segundo os registros da Igreja. Conversei mais aprofundadamente, isto é, sem me ater ao questionário, com 19 pessoas. Entre essas o Pastor Paulo Henrique foi meu interlocutor mais frequente.⁷

⁶ Incluído nos anexos, abaixo.

⁷ Recorri a ele em diversas oportunidades, trazendo desde dúvidas sobre a teologia e a liturgia da Igreja, como em assuntos mais prosaicos, entre eles, onde estacionar o carro, onde sentar para fazer as entrevistas e mesmo em busca de um adaptador para a tomada do carregador do lap-top. Sua disponibilidade e interesse foram cruciais no processo que me conduziu até aqui.

4.2.

Caracterização sócio-econômica⁸

A congregação Nazarena no bairro aproxima-se, em linhas gerais, das características sócio-econômicas médias da Igreja no país segundo os dados apresentados por Heaton e Rivera (2009).⁹ Apresenta uma maior concentração que a média do país nas classes médias e médias altas.

A comparação com o bairro, pelo critério ABEP¹⁰, pode ensejar um problema. A classificação do bairro foi elaborada a partir dos micro-dados do Censo 2000. O que implica em uma defasagem evidente.¹¹ No entanto, considerando uma melhora possível nos dados do bairro, exacerbaria um efeito já visível. A Igreja do Nazareno congrega um grupo de pessoas cuja renda os situaria levemente abaixo da média do bairro.¹²

⁸ Fui instado em diversas oportunidades a atentar para a possibilidade de naturalizar características engessadas em descrições de classe ou de poder de compra. Optei por coletar e apresentar tais dados na tentativa de produzir uma caracterização sócio-econômica dos meus interlocutores, principalmente em relação à população do bairro onde residem. As considerações mais qualitativas que serão apresentadas no próximo capítulo não fazem qualquer referência à caracterização que se apresenta nesse capítulo.

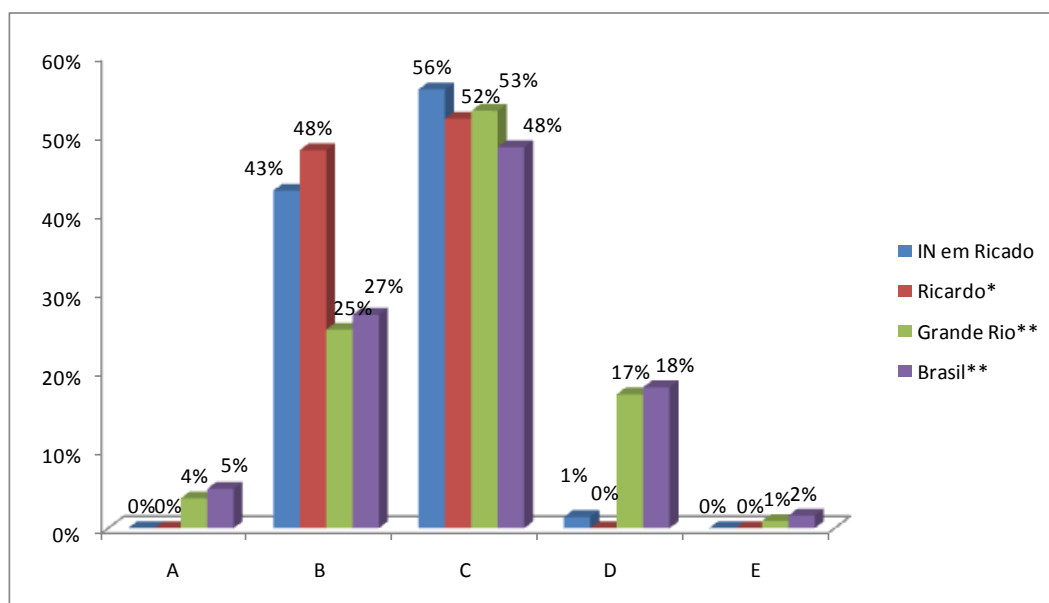
⁹ Os dados gerais, em decorrência da sua origem e coleta díspares em relação aos dados coletados durante essa pesquisa, são apresentados nos anexos a essa dissertação.

¹⁰ O Critério de Classificação Econômica Brasil, elaborado pela ABEP é um método para “estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas” a partir da posse de determinados itens. Não se trata, portanto, “de classificar a população em termos de “classes sociais”. A divisão de mercado definida abaixo é de classes econômicas.” (ABEP, 2010: 1). Adotei tal critério por entender que perguntas sobre o domicílio e a posse de bens de consumo tenderiam a encontrar menos resistência do que questionamentos sobre as rendas auferidas.

¹¹ Compare-se, por exemplo, os dados da tabela abaixo com aquela apresentada no anexo. Os dados abaixo referem-se ao ano de 2008 enquanto naquela do anexo referem-se ao ano de 2000. Há muito na literatura sobre o assunto. Veja, por exemplo, Souza e Lamounier (2010).

¹² O se aproximaria do que observa a literatura sobre o apelo diferenciado das igrejas evangélicas para a população de menor renda.

Proporção da População por classe econômica



Fontes: Questionário; * Microdados do Censo 2000; ** Critério Brasil – ABEP (2008).

Elaboração própria.

A proporção de negros e pardos, no entanto, diverge daquela apresentada no estudo com os dados nacionais, citado acima. No Brasil a Igreja do Nazareno concentra-se num público majoritariamente branco ao passo que em Ricardo de Albuquerque 62% da congregação declara-se negra ou parda. Não poderia ser diferente posto que a população do bairro é composta, predominantemente, por negros e pardos.

Número dos entrevistados por classe econômica e por cor ou raça

Cor ou Raça	Critério ABEP					Total
	A	B	C	D	E	
Branca	0	6	10	0	0	16
Parda	0	2	8	0	0	10
Preta	0	6	8	2	0	16
Total	0	14	26	2	0	42

Fonte: Questionário.

Elaboração própria.

Quanto ao sexo a congregação da Igreja do Nazareno no bairro é bem balanceada, dividindo-se entre homens e mulheres conforme a média nacional.¹³

Número dos fiéis por faixa etária e por sexo

Faixa etária	Feminino	Masculino	Total
Até 14	13	11	24
De 15 a 19	1	3	4
De 20 a 29	4	6	10
De 30 a 39	10	4	14
De 40 a 49	6	3	9
De 50 a 59	3	4	7
Mais de 60	1	1	2
Total	38	32	70

Fonte: Questionário.

Elaboração própria.

Quanto à faixa etária, a Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque apresenta um perfil diferente tanto da Igreja em âmbito nacional quanto com relação à média nacional.¹⁴ Conforme pode ser depreendido da tabela abaixo.

Proporção dos fiéis e da população faixa etária

Faixa etária	Fiéis	%	IN Ricardo/IN Brasil*	IN Ricardo/Brasil*	IN Brasil*/Brasil
Até 14	24	34,3%	119,1%	115,8%	97,2%
De 15 a 19	4	5,7%	57,9%	54,1%	93,4%
De 20 a 29	10	14,3%	71,7%	80,9%	112,8%
De 30 a 39	14	20,0%	112,4%	134,3%	119,5%
De 40 a 49	9	12,9%	118,0%	113,3%	96,1%
De 50 a 59	7	10,0%	142,4%	135,7%	95,4%
Mais de 60	2	2,9%	50,0%	33,4%	66,7%
Total	70	100,0%			

Fonte: Questionário; * Censo 2000.

Elaboração própria.

Os membros da Igreja do Nazareno no Brasil, concentra-se mais que a média nacional, em um público mais jovem, na faixa dos 20 aos 40 anos, como

¹³ As mulheres são maioria entre os que professam alguma religião, 54%. Essa é uma característica recorrentemente destacada pela literatura. Veja, por exemplo, Machado (1996).

¹⁴ Há naturalmente uma defasagem entre os dados do questionário e os oriundos do Censo. Mas conquanto a distribuição etária da população varie mais lentamente que o seu número as conclusões a seguir seguem válidas.

pode ser visto na última coluna. Já os fiéis da Igreja em Ricardo de Albuquerque, pelo menos os que compuseram a amostra da pesquisa, predominam tanto sobre a média nacional quanto sobre a população, entre as crianças, até 14 anos, e entre os adultos, de 30 a 60 anos. Esse pode ser um viés amostral. Como entrevistei principalmente os fiéis mais assíduos, mais envolvidos nas atividades da Igreja, pode ser que a faixa etária dos 15 aos 30 anos possa, com isso, ter ficado fora da amostra.

Por fim, do ponto de vista educacional, dois terços dos entrevistados ao menos terminaram o colegial. Muitos desses mencionaram terem interrompido ou ainda estarem cursando a universidade.

Número dos entrevistados por classe econômica e por grau de instrução

Grau de instrução	Critério ABEP					Total
	A	B	C	D	E	
Analfabeto / Primário incompleto	0	0	0	2	0	2
Primário completo / Ginásial incompleto	0	2	0	0	0	2
Ginásial completo / Colegial incompleto	0	2	6	0	0	8
Colegial completo / Superior incompleto	0	6	12	0	0	18
Superior completo	0	4	2	0	0	6
Total	0	14	20	2	0	36

Fonte: Questionário.

Elaboração própria.

4.3.

Participação nas atividades da Igreja

Como já destacado, os fiéis que tomaram parte da pesquisa são uma amostra dos mais assíduos da congregação. Apenas dois entrevistados não freqüentam a Igreja toda a semana, um deles porque havia se afastado, declarando-se, no momento, como “sem religião”. Como ouvi do Pastor, a escolha dos fiéis para as funções na Igreja obedece a critérios que refletem o compromisso e a motivação destes para cumprir tais papéis. Portanto, como se pode depreender da tabela abaixo, tanto pelo tempo de vinculação com a Igreja, em que 43% tem

ao menos 5 anos desde seu ingresso na congregação¹⁵ quanto pela predominância daqueles que têm alguma função na organização da Igreja, que compuseram dois terços da amostra. Significativamente, o grupo de fiéis na amostra que não têm função na organização da Igreja, tem menos anos de vinculação.¹⁶

Número dos entrevistados por função na Igreja e por tempo de participação

Função na Igreja	Tempo de frequência (anos)				Média	Nº fiéis	
	< 1	1 < > 5	5 < > 10	> 10		Total	%
Administrativa	0	0	2	0	6,0	2	5%
Direção	0	2	2	4	21,0	8	19%
Educativa	2	0	2	2	14,0	6	14%
Ministério de louvor	0	0	4	0	8,0	4	10%
Outras	0	8	0	0	3,5	8	19%
Nenhuma	6	6	0	2	6,1	14	33%
Total	8	16	10	8	5,2	42	100%

Fonte: Questionário.

Elaboração própria.

4.4.

Trânsito religioso: de onde vieram os fiéis

Cerca de 80% fiéis entrevistados mudaram de igreja com relação àquela em que foram criados.¹⁷ Condizente com a literatura sobre o tema¹⁸, a maioria, quase metade¹⁹, dos fiéis entrevistados foram criados no catolicismo. Em segundo lugar dentre as denominações de origem dos entrevistados, como se poderia esperar, figura a própria Igreja do Nazareno. Quase 20% dos fiéis foram criados

¹⁵ Na média, os fiéis na amostra têm 5,2 anos de frequência na Igreja.

¹⁶ Exceção feita a dois entrevistados idosos, que já davam sinais de não quererem se envolver em demasia. Na categoria “outras” estão somadas várias funções listadas pelos entrevistados que não compunham a lista apresentada no questionário, tais como: obreiro, ajudante de pedreiro, participação no ministério de casais, entre outras, todas pouco significativas.

¹⁷ Uma pesquisa de escopo nacional do Ministério da Saúde, realizada em 1998, detectou que uma parcela expressiva da população, 26%, havia mudado de religião em relação à religião em que foram criados. (Almeida e Montero: 2001). Como uma denominação relativamente nova e fazendo parte das denominações que mais cresceram em número de fiéis seria razoável que entre os fiéis da Igreja do Nazareno essa proporção fosse significativamente maior.

¹⁸ Veja, por exemplo, Waniez *et alli* (2002), Raposo (2002), Almeida e Montero (2001) e Almeida (2004).

¹⁹ Os dois entrevistados que se declararam terem sido criados sem religião, mencionaram o fato de à época, “se dizerem católicos”, mas não irem, de fato, à Igreja. O que reflete uma oscilação natural observável entre “católicos não praticantes”. (Almeida e Montero: 2001: 12).

em famílias que frequentavam a Igreja.²⁰ Grande também é o contingente de fiéis que foram criados em igrejas evangélicas, pouco menos de 30%.²¹ O contingente que migrou da Umbanda é menor, mas significativo, quase 10%.

O mais impressionante, no entanto, está no contingente que, uma vez tendo saído da Igreja em que foram criados²², transitaram por outras igrejas²³ até chegarem à Igreja do Nazareno.²⁴ Dois terços deles fizeram esse trânsito em múltiplas paradas.²⁵ Mais de 40% frequentaram, além da igreja em que foram criados e da atual, pelo menos mais duas denominações.

²⁰ A Igreja do Nazareno já existe em Ricardo de Albuquerque há mais de 20 anos. Em Nilópolis, cidade que polariza a região, está fixada há 45 anos.

²¹ Esse tema será retomado a seguir e, também, no próximo capítulo. Creio que se pode tratar desse fenômeno como um reflexo particular do que Hervieu-Léger (1999: 47 e seguintes) chamou de “diferentes aptidões para a bricolagem”. Um episódio da pesquisa de campo parece-me ilustrar bem esse ponto. Antes de apresentar o questionário aos fiéis, apresentei-o ao Pastor Paulo Henrique. Por sugestão dele troquei a palavra “religião” nas questões sobre o trânsito religioso, como é o padrão no questionário do Censo e da pesquisa do Iser, Fernandes *et alli* (1998), por “igreja”. Segundo o Pastor, a religião é a mesma, “cristã”, para várias das denominações listadas. Sendo assim, o trânsito entre tais denominações configuraria uma mudança de “igreja” e não de “religião”.

²² A quase totalidade dos entrevistados que mudou de igreja, com relação àquela em que foram criados, o fizeram na infância junto aos pais, na adolescência ou no início da idade adulta. Na média, saíram da igreja em que foram criados com pouco mais de 15 anos.

²³ Foram citadas 17 denominações, algumas por mais de um entrevistado, à quantidade de citações, quando múltiplas, corresponde o número entre parênteses. São elas: Assembléia de Deus (5), Universal do Reino de Deus (3), Nova Vida (3), Casa da Bênção (2), Católica Apostólica Romana (2), Batista (2), Umbanda, Metodista, Comunidade Nova Aliança, Igreja da Graça, Nazareno, Ministério Palavras de Vida, Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo, Evangelho Quadrangular, Igreja de Deus no Brasil, Ministério Peniel, Igreja Brasil para Cristo. É flagrante nessa lista a predominância de denominações evangélicas, citadas quase 90% das vezes.

²⁴ Resultados semelhantes, porém não restritos ao universo evangélico, foram apresentados por Santos (2002) ao abordar as trajetórias religiosas dos membros da mesma família de classe média baixa do Rio de Janeiro durante quatro gerações.

²⁵ Um terço dos fiéis criados na Igreja do Nazareno passaram um período fora dela, frequentando outras igrejas, antes de voltarem à igreja dos pais.

Trânsito religioso dos entrevistados

Igreja em que foi criado	Frequência em outras igrejas		
	Não	Sim	Total
Católica Apostólica Romana	4	12	16
Nazareno	6	2	8
Assembléia de Deus	2	2	4
Batista	2	2	4
Umbanda	0	4	4
Maranata	0	2	2
Nova Vida	0	2	2
Sem religião	0	2	2
Total	14	28	42

Fonte: Questionário.

Elaboração própria.

Proporção dos entrevistados pelo número de igrejas que frequentaram

Igrejas frequentadas	
	Fiéis (%)
1	14%
2	19%
3	24%
4	29%
5	14%
Total	100%

Fonte: Questionário.

Elaboração própria.

Curiosa e significativamente, toda essa experimentação²⁶ foi realizada, predominantemente, sem grandes conflitos com a família.²⁷ Apenas pouco menos de 28% dos entrevistados declararam que sua mudança de confissão religiosa ocasionou conflitos. Para a maioria, mais de 70%, essa experimentação não foi seguida de conflitos com a família. Tampouco, a experimentação religiosa realizou-se sob a influência de problemas graves na vida da maioria dos

²⁶ Refiro-me aqui a um conceito explorado pela literatura sobre a religiosidade contemporânea, que primária pela passagem por diversas denominações, não raro, mantendo-se aspectos e práticas de mais de uma delas concomitantemente: a bricolagem. Este seria uma decorrência da subjetivação da religiosidade contemporânea.

²⁷ O que pode encontrar respaldo na distinção do Pastor entre igrejas da mesma religião e de religiões diferentes, já que a maior parte das mudanças ocorreu entre diferentes denominações cristãs o que, em tese, seria visto como mais aceitável.

entrevistados.²⁸ Mais de 60% dos entrevistados declaram não estarem passando por problemas quando mudaram de igreja.²⁹

Justificativas e conseqüências negativas da mudança religiosa

Passava por problemas quando mudou de Igreja?	Houve conflito na família quando mudou de Igreja?		
	Sim	Não	Total
Não	4	18	22
Doença	0	4	4
Problemas financeiros	0	2	2
Conflitos familiares	2	2	4
Problemas emocionais	2	0	2
Busca, Descoberta	2	0	2
Total	10	26	36

Fonte: Questionário.
Elaboração própria.

4.5.

As bênçãos

O questionário continha uma pergunta sobre as bênçãos que os fiéis teriam recebido recentemente. A grande maioria³⁰, mais de 90% dos entrevistados, se sentia abençoado. Quase 80% desses, mencionaram mais de um tipo diferente de bênção recebida. Na maior parte das respostas que obtive, 60% delas, as bênçãos envolvem aspectos bastante concretos da vida cotidiana dos fiéis. Foram-me relatadas várias situações diferentes de “resolução de problemas”, entre eles: vícios em cigarro e/ou bebida, a falta de emprego, de moradia ou o pagamento de

²⁸ Esse resultado diverge daqueles da pesquisa Novo Nascimento do Iser. Veja Fernandes *et alli* (1998: 39).

²⁹ Dois entrevistados acrescentaram à lista de respostas possíveis do questionário a menção à fase de descoberta da adolescência como um motivo para suas mudanças. Se os incluirmos no contingente que não transitaram em decorrência de problemas esse grupo sobe para dois terços da amostra.

³⁰ Resultados semelhantes foram obtidos pela pesquisa Novo Nascimento do Iser. Tanto na proporção dos que se sentem abençoados quanto na distribuição relativa entre os tipos de bênção recebidos. Fernandes *et alli* (1998: 56 e 57).

dívidas, conflitos em família³¹, problemas de saúde variados, alguns deles graves envolvendo cirurgias e internações hospitalares, a depressão e, mesmo, a mudança da orientação sexual.³²

Bênçãos recebidas recentemente por tipo

Tipo de benção recebida recentemente

	Nº Fiéis	%
Material	18	26%
Espiritual	18	26%
Familiar	12	18%
Cura	11	16%
Todo dia se recebe	5	7%
Nenhuma	4	6%
Total	68	100%

Fonte: Questionário.
Elaboração própria.

Além da concretude da presença e da intercessão do sagrado em suas vidas, sua intensidade e frequência também devem ser destacadas.³³ Cinco entrevistados houveram por bem responder a pergunta “recebeu alguma benção recentemente?” afirmando que bênçãos se recebem todo o dia, resposta que teve de ser acrescida às opções listadas no questionário. Tal padrão de resposta reporta a uma maneira de ver a religião própria das sociedades tradicionais, em que a religião “está em tudo”, como apresentado no capítulo anterior.

³¹ Num dos depoimentos mais emocionantes que ouvi, foi-me relatada uma benção que envolvia a intercessão divina na consciência de uma ex-esposa para que consentisse que a guarda de um filho ficasse com o ex-marido. O processo de guarda fora iniciado pela ex-esposa que, antes da audiência com o juiz, desistiu da ação.

³² Como seria de se esperar, na predominância de códigos tendentes ao conservadorismo das condutas morais, a reorientação ocorreu no sentido da hetero-afetividade.

³³ De fato, durante o culto um dos pontos de maior ênfase é o momento da unção, em que se pedem e se recebem as bênçãos. Nesse ponto do culto, o Pastor chama à frente do altar todos os fiéis que desejam receber a unção. Grande contingente da congregação, cerca de 15 a 20 pessoas, posta-se de pé em frente ao altar em postura de oração. O Ministério do Louvor executa uma canção sobre a unção ou sobre o poder de Deus enquanto o Pastor anda entre os fiéis pondo as mãos espalmadas sobre a cabeça de cada um deles. O clima nesse ponto é intenso e emotivo, as pessoas que retornam da unção aos seus lugares estão comumente chorando, e o resto da congregação participa estendendo as mãos e entoando a canção entre interjeições, como “Glória!”, “Aleluia!”.

4.6.

Os dons do Espírito Santo

O questionário continha uma pergunta sobre os dons do Espírito Santo que os fiéis teriam recebido.³⁴ Surpreendente e significativamente, o dom mais citado foi o da glossolalia, o falar em línguas. Não surpreende que este seja o dom mais associado à presença do Espírito Santo.³⁵ A glossolalia é o sinal mais difundido da presença do Espírito Santo e faz parte do ritual das mais tradicionais denominações pentecostais, sediadas no Brasil há mais de uma centena de anos, como é o caso, por exemplo, da Assembléia de Deus.³⁶ O surpreendente aqui é que a teologia da Igreja do Nazareno se opõe frontalmente ao falar em línguas. De fato, essa é uma das principais oposições que fazem aos pentecostais.³⁷ Nos cultos que assisti não tive a oportunidade de presenciar a glossolalia nem ouvi qualquer menção a ela por parte dos pastores nem dos oficiantes em qualquer tempo.

³⁴ Os resultados que obtive divergem daqueles apresentados em Fernandes *et alli* (1998: 51 a 56). Para a média dos fiéis, mesmo aqueles das Igrejas renovadas, entre as quais a pesquisa do Iser inclui a Igreja do Nazareno, apenas cerca de metade dos fiéis receberam dons do Espírito Santo. Proporção bastante mais alta emergiu do questionário, mais de 80%.

³⁵ Segundo Ingerson e Tracy (1999: 191, *tradução minha*) um dos principais pastores do Movimento da Santidade, Charles F. Parham, que foi professor do pastor William J. Seymor, da famosa igreja em Azusa Street, tida como a origem do pentecostalismo, “pediu aos seus alunos para estudar o livro dos Atos e identificar quais os sinais poderiam ser interpretados como ‘a evidência inicial’ do batismo no Espírito Santo. Os estudantes concluíram que falar em línguas poderia se qualificar como tal.”

³⁶ Em 1911 a Assembléia de Deus, dissidência da Igreja Presbiteriana, estabeleceu-se no Pará.

³⁷ Cito novamente, a esse propósito, Ingerson e Tracy (1999: 202, *tradução minha*): “Os Nazarenos partilham [com os pentecostais] algumas crenças centrais mas rejeitam ativamente (...) o falar em línguas como evidência do batismo no Espírito assim como linguagem de oração; a negação da Trindade e a teologia da prosperidade.” Os autores fazem parte da Igreja do Nazareno nos EUA. Wesley D. Tracy foi aluno e, posteriormente, professor da South Nazarene University, além de ter sido pastor e editor da revista da Igreja do Nazareno, *Holiness Today*. Stan Ingersol é membro do conselho editorial do *Wesleyan Theological Journal* e contribuiu na redação de manuais da Igreja do Nazareno.

Dons recebidos por tempo de participação

		Tempo de frequência (anos)				Média	Total
		< 1	1 < > 5	5 < > 10	> 10		
Dons do Espírito Santo recebidos recentemente	Falar em línguas	4	4	4	4	8,5	16
	Profetizar	0	4	2	4	11,6	10
	Cantar / tocar instrumento musical	0	4	4	0	5,3	8
	Pregar	2	2	2	2	6,8	8
	Nenhum	2	6	0	0	3,3	8
	Ensinar, lidar com crianças	2	2	0	0	2,0	4
	Amar	0	0	2	0	6,0	2
	Curar	0	0	0	2	18,0	2
	Exorcizar	0	0	0	2	18,0	2
	Total	10	22	14	14	7,8	60

Fonte: Questionário.

Elaboração própria.

Poderia parecer, em princípio, que a menção ao dom da glossolalia pudesse estar relacionada à memória recente dos recém-ingressos na Igreja do Nazareno, por não estarem, potencialmente, familiarizados com sua teologia e suas práticas litúrgicas. De fato, esse é o dom mais citado por aqueles que têm menos tempo de vinculação à Igreja. No entanto, é citado de forma homogênea por entrevistados neófitos ou não.³⁸ Portanto, ter recebido o dom da glossolalia parece consistir numa memória persistente das práticas rituais a que foram expostos quando frequentaram igrejas de outras denominações.³⁹

Tal memória persistente de dons que, ou são contrários aos princípios da Igreja ou, ao menos, não são por ela valorizados, pareceu-me um indício do que Hervieu-Léger (2008) identifica como fiéis bricoladores. A subjetivação da crença permite a tais fiéis comporem seu próprio repertório a partir de princípios e crenças de diversas origens, não necessariamente restrito àqueles de uma determinada igreja. Observa-se, no entanto, um sentido bastante claro na bricolagem, que reflete uma aptidão específica desse grupo, para usar os termos da autora, em misturar preferencialmente as práticas e princípios de denominações evangélicas ou pentecostais. Se a origem religiosa dos fiéis entrevistados é

³⁸ Tomando esse fato junto ao viés da amostra, os entrevistados fazem parte do grupo de fiéis mais assíduos da Igreja, há que se desconsiderar o simples desconhecimento como fator causal.

³⁹ Esse também pode ser o caso dos fiéis com cerca de 20 anos de frequência a Igreja que declaram ter recebido o dom do exorcismo. Embora não tenha encontrado objeção a tal prática no manual da Igreja, tampouco se faz menção a ela. E também não ouvi nada sobre tal assunto nos cultos que assisti.

variada, em termos da linhagem das igrejas em que foram criados, a maioria absoluta da série de denominações pelas quais passaram nas suas experimentações após abandonarem a igreja em que foram criados, não o são.⁴⁰

Por outro lado, o mesmo fenômeno, a glossolalia como dom do Espírito Santo mais citado pelos fiéis da Igreja do Nazareno em Ricardo de Albuquerque, se olhado pelo prisma da Igreja, isto é, da instituição⁴¹, cujas práticas, ainda que expressas em manuais, são bastante flexíveis,⁴² ao invés daquele exposto acima, da subjetividade dos fiéis, enseja a consideração da hipótese da própria doutrina da Igreja encontrar-se em processo de mudança mais do que a bricolagem subjetiva de doutrinas de diferentes denominações. Tal interpretação enseja um retorno ao campo na busca de novos elementos com que iluminar os limites institucionais⁴³ para com essas variações da doutrina.

⁴⁰ Como ouvi de uma informante, sobre uma ex-fiel da Igreja do Nazareno que havia voltado para a Umbanda, onde fora criada: “Trocar de igreja, ficar afastada, eu até entendo. Mas voltar para a Umbanda? Uma vez que aceitou Jesus, isso, para mim, é difícil!”

⁴¹ Devo esse *insight* à Prof^a Dr^a Renata de Castro Menezes.

⁴² Retornarei a esse tema no próximo capítulo.

⁴³ Embora o Pastor seja veementemente contrário à glossolalia. Retornarei a esse tema no próximo capítulo.